

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

JÓIAS PRÉ-HISTÓRICAS DE MONTES CLAROS DE BAIXO, VIMIEIRO, ARRAIOLOS.

PAÇO, Afonso do

Ano: 1966 | Número: 76

Como citar este documento:

PAÇO, Afonso do, Jóias pré-históricas de Montes Claros de Baixo, Vimieiro, Arraiolos.
Revista de Guimarães, 76 (1-2) Jan.-Jun. 1966, p. 157-163.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmento.uminho.pt
URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Jóias pré-históricas de Montes Claros de Baixo (Vimieiro-Arroiolos)

Por AFONSO DO PAÇO.

No decorrer das escavações arqueológicas que realizámos no Castelo do Giraldo (Évora), recebíamos com frequência a visita de alunos da vizinha Escola de Regentes Agrícolas instalada na Herdade da Mitra, e o contacto com aqueles jovens, em grande parte filhos de grandes casas de lavoura alentejanas, permitia-nos fazer-lhes prelecções de arqueologia e receber deles conhecimentos de achados pré-históricos e de outros não só das suas herdades como das da vizinhança.

Foi assim que nos princípios de Novembro de 1964, o aluno João Fernandes Pereira Lopes, nos disse que numa herdade de seu pai, o Eng. Agrónomo Manuel Pereira Lopes, se tinham achado umas «argolas de ouro» que estavam depositadas em Évora, na Polícia de Segurança Pública.

Escusado será dizer que não descansamos enquanto não vimos do que se tratava e, num dos dias de mercado, estabelecemos contacto com o Eng. Agrónomo Pereira Lopes que nos disse que de facto estavam na Polícia, onde as poderíamos ver, um grupo de espirais de ouro.

Naquela Polícia foi-nos dado conhecimento do modo como o tesouro ali fora parar, conforme constava de um auto que dizia:

«Polícia de Segurança Pública do Distrito de Évora.
1.ª Esquadra — 22 de Agosto de 1960.

Ex.º Senhor:

Participo a V. Ex.ª que hoje pelas 18h,45, quando passava pela Rua Cinco de Outubro, apresentou-se-me Francisco José Caeiro, de 32 anos de idade, casado, trabalhador, filho de Alexandre José Cotovio e de Margá-

rida Rosa, natural de Pavia, e residente no lugar denominado «Malarranha», freguesia de Pavia, concelho de Mora, declarando que no dia 20 do corrente mês, quando procedia a uma escavação de terra à profundidade de meio metro na propriedade de Claros Montes Debaixo, sita na freguesia do Vimiciro da qual é proprietário o Sr. Engenheiro Manuel Pereira Lopes, residente em Évora, na Rua da Ladeira, n.º 25-A, encontrou dentro de um objecto de barro uma pequena quantidade de argolas de ouro e ainda uma pequena folha do mesmo metal, totalizando 108 gramas de peso, no valor de 2.380\$00, cujo valor lhe foi atribuído pela Ourivesaria Lemos sita na referida Rua Cinco de Outubro desta cidade. O achado em referência ficou depositado neste Comando para os devidos efeitos e o achador declarou não desistir da quota parte que por lei lhe venha a pertencer. (a) Custódio José Carlos Pimentão, Guarda n.º 135/12.110».

Parece que os factos não foram relatados com toda a verdade para não agravar a situação do achador. Este, recolhidas as peças, calou-se e tentou vendê-las em Évora, na Ourivesaria Lemos, cujos proprietários, lembrando-se do célebre colar de Portel que ali estivera em tempos exposto, chamaram a polícia, que, intervindo no assunto, ficou com as jóias em depósito até que, nos termos da lei, aparecesse o seu dono a reclamá-las.

Foi-nos dada autorização para fotografar o conjunto que, conforme consta da Fig. 1, é constituído pelos seguintes agrupamentos:

cinco espirais ligadas entre si,
duas espirais soltas,
uma pequena chapa,

com o peso total de 107,9 gramas assim distribuído:

grupo de espirais	89,5 gramas	
primeira espiral solta	8,4	»
segunda espiral solta	5,1	»
chapa	4,9	»

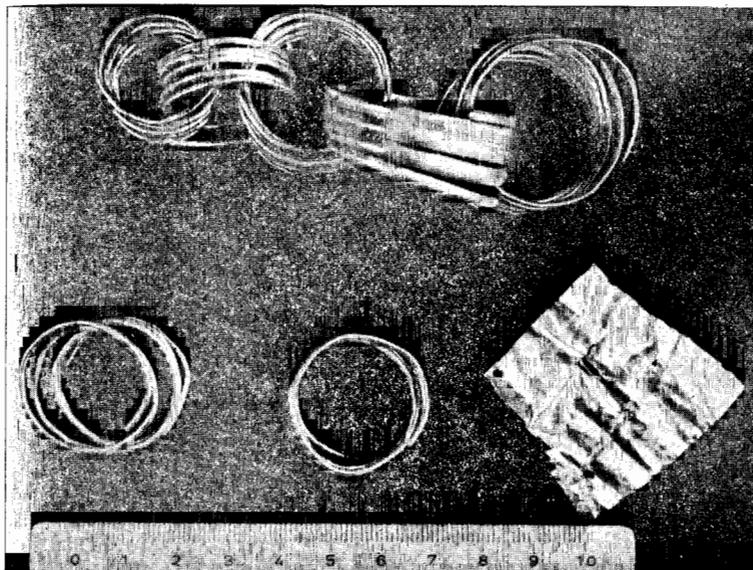


Fig. 1 — Jóias pré-históricas de Montes Claros de Baixo (Vimieiro, Arroios).

As cinco espirais ligadas entre si são de diâmetros diferentes e estão um tanto desarticuladas. Contudo:

a primeira espiral tem sete voltas,
a segunda tem quatro voltas,
a terceira oito voltas,
a quarta seis voltas,
a quinta seis voltas,

terminando todas em ponta aguçada.

Das espirais soltas:

a maior tem cinco voltas,
a menor tem três voltas.

As duas primeiras espirais tem a parte central plana, terminando o dorso em ângulo, isto é, tem uma secção triangular. As restantes são redondas.

O fragmento de chapa está muito amolgado, apresenta três orifícios muito irregulares e sinais de fractura aos lados. O conjunto foi adquirido pela Junta Distrital de Évora para o museu arqueológico em organização pela quantia de 4.046\$20, vendido o grama, por se tratar de ouro fino, ao preço corrente na ocasião, isto é 37\$50.

*

Não são raros os achados de espirais de ouro, soltas ou ligadas entre si, quer no nosso país, quer em outras nações.

Pelo que respeita a Portugal, um trabalho recente de Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, refere um grupo de espirais aparecidas no concelho de Torres Vedras (1) e, em anos mais afastados, há a registar achados

(1) Leonel Trindade e O. da Veiga Ferreira, «Tesouro pré-histórico de Bonabal (Torres Vedras)». *Revista de Guimarães*, vol. LXXIV, Guimarães, 1964.

semelhantes na freguesia de Goios (Barcelos (1) e Chaves (2) estudados pelo mestre da joalheria arcaica portuguesa, Coronel Mário Cardozo, e S. Martinho (Alcácer do Sal (3)).

Manuel Heleno ao descrever o tesouro de S. Martinho fala de materiais que diz idênticos, provenientes de Palmela, Rio Maior, Torres Vedras, Avis, Serpa e Cesareda, bem como de outros que se encontram no Museu de Belém aguardando publicação.

Salvo melhor opinião, parece-nos que alguns dos exemplares referidos se devem considerar como simples anéis, (4) de harmonia com o achado que se fez na Gruta de S. Pedro do Estoril, de uma espiral de ouro contendo dentro uma falange (5).

Espirais de bronze ou cobre com falanges no interior também foram recolhidas em El Argar, sendo também provenientes desta estação vários braceletes em espiral, não ligados entre si, e mesmo um torcido, no género das jóias de Chaves acima referidas (6).

*

Cronològicamente estas jóias são consideradas por alguns autores como das imediações do Bronze II peninsular ou Argárico, se bem que, como dissemos, não se tivessem encontrado exemplares deste tipo em El Argar ou estações afins exploradas pelos irmãos Siret, na região entre Cartagena e Almeria (7).

(1) Mário Cardozo, «Mais uma achega para o estudo da joalheria pré-histórica portuguesa». *Boletim do Grupo Alcácer de Faria*, n.º 2, Barcelos, 1950.

(2) *Idem*, «Novo achado de jóias pré-romanas». *Revista de Guimarães*, vol. LIV, Guimarães, 1944.

(3) Manuel Heleno, «Jóias pré-romanas». *Ethnos*, vol. I, Lisboa, 1935.

(4) Vera Leisner, George Zbyszewski e O. da Veiga Ferreira, «Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme». *Serviços Geológicos de Portugal*, Memória n.º 8, Lisboa, 1961.

(5) Vera Leisner, Afonso do Paço e Leonel Ribeiro, «As grutas artificiais de S. Pedro do Estoril», Lisboa, 1964.

(6) Henri et Louis Siret, *Les premiers âges du metal dans le sud-est de l'Espagne*, Anvers, 1887.

(7) *Idem, idem*.

Quanto à sua aplicação, há quem as julgue elementos de troca como Ricardo Severo (1). Outros autores porém, como Déchelette (2), Leite de Vasconcelos (3), etc. preferem considerá-las adornos de cabelo ou braceletes, o que é mais de aceitar.

*

No distrito de Évora não se encontram muitas jóias pré-históricas. Mário Cardozo, nas suas «Jóias arcaicas encontradas em Portugal» (4) assinala apenas as seguintes:

Braceletes de Évora,
Colar de Reguengos de Monsaraz,
Colar de Portel.

Os dois *braceletês de Évora* foram destruídos por um ourives fundidor, não se sabendo exactamente o local do seu achado (5).

O colar de *Reguengos de Monsaraz* desapareceu, restando-nos a descrição que dele fez Gabriel Pereira (6).

O *colar de Portel*, também chamado de Évora, teria sido achado em 1883 na Herdade das Lentiscas. Adquirido por uma senhora Matos, legou-o a sua filha que se desfez dele em favor do pai de Joaquim Arantes Ferreira da Silva. Este tentou várias vezes vendê-la, em vão, ao nosso Governo, em excelentes condições, que respondeu com a tão estafada «falta de verba», que serve muitas vezes para mascarar a incultura de muitos dirigentes.

(1) Ricardo Severo, «Os braceles d'ouro de Arnozela». *Portugália*, vol. II, Porto, 1903.

(2) Joseph Déchelette, *Manuel d'Archéologie Préhistorique*, vol. II, Paris, 1910.

(3) J. Leite de Vasconcelos, *História do Museu Etnológico Português*. Lisboa, 1915.

(4) Mário Cardozo, «Jóias arcaicas encontradas em Portugal», *Nós*, A Cruña, 1930.

(5) J. L. de V., «Xorca de ouro». *O Archeologo Portugues*, vol. II, Lisboa, 1896, pág. 22.

(6) *Idem, idem.*

Então o Dr. José de Figueiredo, Director do Museu de Arte Antiga, conseguiu que Salomon Reinach o adquirisse em 1920 para o Museu de Saint-Germain-en-Laye, não fosse perder-se ou cair no cadinho de algum ourives (1).

Quando da identificação das jóias do Vimieiro, fizemos o possível para que este tesouro alentejano ficasse em Évora, a fim de ser integrado no museu em organização pela sua Junta Distrital, e é-nos grato referir que, desde o primeiro momento, este organismo determinou a sua aquisição, para que não saísse de Évora o que a Évora pertencia.

(1) Sobre este colar há vária bibliografia nacional e estrangeira, sendo de destacar entre os estudos portugueses:

Vergílio Correia, «The Evora Gorget (a xorca de ouro de Évora)». *Terra Portuguesa*, n.º 41, Lisboa, 1928.

António Bartolomeu Gromicho, «O gorjal de Évora». *A Cidade de Évora*, Boletim da Comissão Municipal de Turismo, vol. IX, Évora, 1952.